

## IDEIA DE EUROPA NO PENSAMENTO ESTRATÉGICO DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA

JOSÉ EDUARDO FRANCO\*

*Entre nós, a realidade não vai por um caminho e o sonho por outro, como na prática mais realista de D. Quixote. Confundem-se os dois com uma espécie de estado de inocência e esta maneira de ser reforçou-se, sobretudo durante os séculos em que fomos simultaneamente uma civilização de povo pobre a braços com as realidades mais imediatistas. Um homem encarnou soberanamente este duplo postulado do nosso destino enquanto destino barroco. O grande jesuíta António Vieira, aquele a que Pessoa chama a justo título o imperador da língua portuguesa, soube ser, sem esforço nem contradição aparente, um diplomata realista, quase maquiavélico, o defensor da condição dos índios do Brasil e um extraordinário sonhador. Eduardo Lourenço<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O Padre António Vieira produziu uma obra imensa que é fruto da experiência de um percurso pendular vivido em dois mundos muitos distintos: o Novo Mundo e o Velho Mundo, a chamada velha Europa. Vieira conheceu e experimentou a vida mais inóspita nos sertões brasileiros e nas selvas do Amazonas, perseguindo o seu ideário missionário de evangelizar os ameríndios, assim como experimentou os palcos da fama europeia, os púlpitos das belas igrejas barrocas a transbordar de ouro e os aveludados palácios de reis e príncipes. Com base na sua experiência de vida multimoda e conhecimentos não menos invulgares para a época, pôde fazer diagnósticos acertados sobre o

---

\* Doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales of Paris e pela Universidade de Aveiro. Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa das Universidades de Lisboa. Agradeço as pistas que me foram dadas pelo Prof. Carlos Maduro que muito ajudaram a compor a versão final deste texto.

<sup>1</sup> Eduardo Lourenço, *Nós e a Europa ou as duas razões*, 4ª edição aumentada, Lisboa, INCM, 1993, p. 153

estado crise do seu país. As viagens diplomáticas que fez por vários países da Europa permitiram-lhe ganhar uma visão mais alargada dos problemas a partir de outros ângulos e exemplos e dar-lhe informação para apresentar análises críticas e soluções à luz de uma perspetiva comparada, onde a Europa e alguns dos seus países com dinâmicas de progresso e práticas inovadoras a vários níveis poderiam servir de referência fundamental. A Europa torna-se para Vieira um ângulo de visão que lhe permite pensar e propor reformas importantes para o seu país, que necessitava de transformações estruturais no plano religioso, social e político. Novo Mundo e Europa são dois polos que estão sempre presentes em Vieira, quer para apresentar modelos a seguir, quer para exibir exemplos a deplorar. Todavia, estes dois polos, no futuro, segundo a visão quintoimperialista deste grande orador barroco, serão a duas Colunas de Hércules donde nascerá a humanidade nova, regenerada, refundada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Europa, Novo Mundo, diagnóstico, reformas, utopia

**ABSTRACT:** Father António Vieira produced an immense body of work that comes from his life experience of circulation between two distinct worlds: the New World and the Old World, the so-called Old Continent. Vieira knew and experienced the most inhospitable life in the Brazilian backlands and in the Amazonian jungles, pursuing his missionary ideals to evangelize the Amerindians, and also experienced fame in Europe, in the pulpits of beautiful baroque churches overflowing with gold and in the velvet palaces of kings and princes. Based on his multimodal life experience and unusual knowledge for the time, he could correctly diagnose the state of the crisis in his country. His diplomatic travels through several European countries earned him a broader view of the problems from other perspectives and examples and provided him with information to present critical analysis and solutions in light of a comparative perspective, where Europe and some of its countries with dynamics of progress and innovative practices at various levels could serve as a fundamental reference. For Vieira, Europe became a perspective that allowed him to think and propose major reforms for his country, which required structural changes in the religious, social and political level. The New World and the Old World are two poles that are always present in Vieira, either to be presented as role models, whether to display examples to deplore. However, these two poles, in the future, according to the baroque preacher's vision of the Fifth Empire, would be the two Pillars of Hercules from where the new regenerated and refounded humanity would be born.

**KEYWORDS:** Europe, New World, diagnosis, reforms, utopia

## 1. Intróito

A Europa Moderna do século XVII, em grande transformação e convulsão social, política, científica, bem como em plena afirmação imperial através da afirmação dos seus Estados-Impérios no mundo, mas em disputa violenta entre si, apresentava-se como um laboratório onde se engendrava o futuro do Mundo. Vieira conheceu esse coração da Europa em ebulição e este não deixou de influenciar fortemente o seu horizonte de compreensão do Homem e da sua prospetivação teleológica da humanidade.

Se o Novo Mundo foi para Vieira laboratório de Mundo Novo, possibilidade de realização de uma utopia religiosa capaz de construir uma sociedade idealmente ordenada, o Velho Mundo europeu e cristão apresenta-se como modelo a implantar, mas ao mesmo tempo como mau exemplo a evitar na construção de uma sociedade global cristificada. Assim os dois mundos que se encontram na experiência do pregador jesuíta são laboratório de mundo novo por imitação, inspiração e contraste.

O empenhamento missionário do pregador jesuíta, Padre António Vieira, nas missões jesuíticas do Brasil, inspirou-lhe uma reflexão muito própria em termos missiológicos e revolucionou-lhe a mundividência europeia que transportava como natural do velho continente, quer enquanto nascituro, quer como herdeiro da sua tradição cultural e científica.

O pensamento missiológico de Vieira desenvolve uma visão da Europa e do Novo Mundo que ganha um significado mais largo na articulação com a elaboração da sua utopia quinto-imperialista. Com efeito, o ideário utópico deste jesuíta acaba, de facto, por ser uma espécie de ponto de chegada aglutinador e resignificador de toda a sua obra e reflexão teológica, antropológica, cosmológica e historiológica enquanto notável pregador do período barroco luso-brasileiro.

Vieira acaba por tornar-se, num contexto luso-brasileiro, uma figura emblemática daquela marca distintiva dos membros da Companhia de Jesus, enquanto ordem de circulação e actuação global. De facto, este pregador barroco identifica com o modelo

definido por Chris Lowney no seu curioso livro sobre a história da Companhia de Jesus escrita à luz das categorias linguísticas e conceptuais do universo epistemológico da Gestão e da Economia contemporâneas: “Os Jesuítas abraçavam o mundo; inseriam-se na vida quotidiana, viviam nas cidades e centros culturais, viajavam e trabalhavam com as populações”<sup>1</sup>. Com efeito, a Companhia de Jesus imprime, na modernidade, uma forte e decidida viragem na vida monástica clássica, já encetada na Baixa Idade Média pelas Ordens Mendicantes de que é herdeira. Em vez da medieval e beneditina *fuga mundi*, os Jesuítas apostaram fortemente na *vita in mundo*. Nestes e noutros aspectos, a Ordem de Loyola revela-se bem moderna e adequada aos desafios impostos à Igreja pela abertura globalizante da vida humana no planeta Terra.

## 2. A Relação de Vieira com a Europa

As diversas viagens que Vieira teve de realizar por diferentes países e continentes, tornando-o, de facto, um dos mais importantes viajantes do século XVI português, abriram-lhe horizontes e funcionaram como um factor de aprendizagem e fonte de inspiração e confrontação para gerar soluções progressivas. Neste domínio da mobilidade, são, pois, de destacar as suas viagens por diferentes estados do continente europeu.

A relação do Padre António Vieira com a Europa pode ser caracterizada como sendo dicotómica a vários níveis. É uma relação de afecto e desafecto. Encontrou na Europa oportunidade de afirmação, de inspiração, de glória, como também espaço de ilusão e desilusão. Europa: continente da Cristandade, portafarol do Evangelho, mas, ao mesmo tempo, o lugar da divisão, da fractura, das guerras fratricidas por causa da heresia e da ruptura da unidade cristã sob a égide da Igreja de Roma.<sup>2</sup> Divisão, fractura, heresia que, sabe bem ele e a sua Ordem, é um exemplo

1 Chris Lowney, *Liderança heróica*, Lisboa, Verbo, 2006, p. 134. Cf. José Eduardo Franco, *O Mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil e no Oriente*, vol. I, Lisboa, Gradiva, 2006, *passim*.

2 Cf. Pedro Calafate, *Portugal como problema (Séculos XVII-XVIII): Da obscuridade profética à evidência geométrica*, Lisboa, Fundação Luso-Americana e Público, 2006, p. 61 e ss.

contraproducente em termos de eficácia missionária. Por isso, quer evitar a tudo o custo que este cenário se repita no Novo Mundo, ou pelo menos, no seu novo mundo sob controlo dos missionários católicos e particularmente na gestão jesuíta da empresa missionária. Ele idealiza, luta por um Novo Mundo imune e liberto da mácula da divisão dos cristãos que possa inaugurar um Mundo Novo, um mundo unido, reunido em num mesmo rebanho e em torno de um só pastor. Aliás, esta preocupação estratégica de Vieira era comum a outros jesuítas que, noutras frentes de missionação (Vide Japão e China), tentaram evitar a todo o custo a reprodução da divisão do cristianismo na Europa e mesmo o seu conhecimento pelos novos povos missionandos.<sup>3</sup>

Esta percepção dual, fractural da Europa perpassa, como preocupação e acusação, a sua parenética e está patenteada de forma aguda nas suas obras proféticas, mormente na *História do Futuro* e na *Clavis Prophetarum*.<sup>4</sup>

Se Vieira, no que respeita à sua visão do mundo que se abriu à navegação, ao comércio, às trocas culturais e especialmente à evangelização, é bem moderno, o seu olhar sobre o continente onde o seu país de nascimento se insere oscila ainda entre o conceito medieval de Cristandade e o conceito moderno de Europa. Aliás, podemos observar que Vieira utiliza já algumas vezes o termo Europa para se referir ao seu continente em termos de geografia física, humana, política e cultural, mas o seu ideário cristianizante e utópico de anúncio de um tempo novo para a Humanidade sobre a terra ainda é herdeiro directo do modelo medieval de unidade, no contexto do paradigma político-social de Cristandade, consubstanciado no mito do império cristão universal, que agora se deseja ver estendido a todo o orbe terrestre.<sup>5</sup>

É com base neste modelo que o pregador jesuíta comenta, em vários sermões seus, a assunção e expansão ameaçadora do poder

---

3 Cf. José Eduardo Franco, “Introdução”, in Valetim de Carvalho, *Apologia do Japão*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 2008, p. 7 e ss.

4 Cf. José Eduardo Franco, *Teologia e utopia em António Vieira*, Separata da *Lusitania Sacra* (Tomo XI), Lisboa, 1999.

5 Vasco Pulido Valente, *Estudos sobre a crise nacional*, Lisboa, IN-CM, 1980, pp. 215 e ss.

imperial das novas potenciais potências europeias de confissão protestante, com especial destaque para a Holanda. Por exemplo, no seu famoso sermão pregado na Baía contra as *Armas da Holanda*, as quais cobiçavam as possessões portuguesas em terras de Vera Cruz, o que está em causa para Vieira é, essencialmente, uma luta dual entre a verdade ortodoxa e a mentira herética, entre a Europa fiel e a Europa infiel, desobediente à Igreja de Cristo, cuja unidade – para ele, enquanto jesuíta e católico - é simbolizada no Papa. Como comenta Miguel Real, no seu recentíssimo livro sobre o grande pregador jesuíta: “Desta atmosfera bélico-religiosa, nasce o seu nacionalismo, Vieira lança do púlpito louvores à história dos portugueses. Porém, o seu nacionalismo não fora alimentado apenas na história da pátria, fizera-se igualmente na luta contra os hereges, alimentado pela sua condição religiosa de católico”.<sup>6</sup>

### 3. Portugal, país-porta para a Humanidade Nova

Por isso, e pelo papel relevante que Portugal teve no processo de abertura do mundo ao próprio mundo, contribuindo para aquela que pode ser considerada a primeira globalização<sup>7</sup>, e abrindo caminho à pregação universal do Evangelho, o Padre António Vieira confere a Portugal uma natureza luminosa e uma função iluminadora para a Europa de que Santo António, figura patrona de Vieira e protótipo da diáspora evangelizante pela Europa, é modelo. Precisamente no Sermão de Santo António, gizado em Roma em duas partes, entre 1671 e 1672, para ser pregado na Igreja de Santo António dos Portugueses da Cidade Eterna, o pregador barroco estabelece a condição ontológica de Portugal e o seu papel na Europa e no mundo: ter ofício de luz (*lux mundi*) e ser tecelão da unidade perdida no seu continente, na velha cristandade e até no mundo aberto aos olhos europeus, mundo esse então desordenado em termos de relações entre povos, pois

6 Miguel Real, *O Padre António e a Cultura Portuguesa*, Matosinhos, QuidNovi, 2008, p. 39.

7 Jorge Nascimento Rodrigues e Tesseleno Devezas, *Portugal Pioneiro da Globalização*, Lisboa, Centro Atlântico, 2007.

em permanente conflito e disputa.<sup>8</sup>

Para Vieira, a europeia nação portuguesa, desde a sua historiogênese, é enquadrada providencialmente e compreendida profeticamente na história universal em perspectiva soteriológica de fundo bíblico. Conteúdos do profetismo bíblico veterotestamentário são relidos e iluminados hermeneuticamente à luz dos acontecimentos modernos da história de Portugal em articulação com a história da humanidade. Tudo é orientado por Vieira em vista da valorização, exaltação e legitimação de um lugar especial, relevantíssimo de Portugal no xadrez das nações, o estatuto de Novo Israel, de povo eleito da Nova Aliança.

#### 4. Portugal, construtor da Cristandade Universal

A missionaçã *ad gentes* ou o processo da pregação universal aos desconhecedores da doutrina de Cristo assumida no discurso político como tarefa prioritária e justificatória da expansão portuguesa para além das fronteiras europeias ganha em Vieira uma relevância central para perceber todo o seu pensamento estratégico, a sua acção fundamental e o seu projecto teleológico. Podemos citar, entre inúmeras, esta passagem do Sermão da Epifania recorrente desta acentuação ideológica nuclear: “Mas o tempo, que é o mais claro intérprete dos futuros, nos ensinou dali a Quatrocentos anos, que estes felicíssimos Reis foram el-Rei D. João o Segundo, el-Rei D. Manuel, e el-Rei D. João o Terceiro; porque o primeiro começou, o segundo prosseguiu, e o terceiro aperfeiçoou o descobrimento das nossas conquistas, e todos três trouxeram o conhecimento de Cristo aquelas novas Gentilidades, como os três Magos as Antigas.”<sup>9</sup>

Mesmo toda a sua acção e produção escrita dedicadas a outros assuntos aparentemente desligados do sentido missiológico

---

8 Padre António Vieira, “Sermão de Santo António”, in José Eduardo Franco (Coord.), *Padre António Vieira, Imperador da Língua Portuguesa*, Notas e fixação do texto por Arnaldo do Espírito Santo *et alii*, Lisboa, Correio da Manhã, p. 120 e ss.

9 Padre António Vieira, *Sermões*, Vol. I, Org. Alcir Pécora, São Paulo, Hedra, 2003p. 591.

estruturante da sua vida e acção não podem ser entendido fora do seu ideário missionário.

Aqui se deve englobar a compreensão de todo o seu empenhamento político ao serviço da afirmação do Reino de Portugal no período da pós-restauração da independência e as suas viagens pelo continente europeu, bem como as advenientes apreciações do velho continente que é iluminado e compreendido em função da sua experiência e preocupações fundamentais com Novo Mundo de que ele ficou para a história também como um empenhado construtor.

Além do seu destacado papel político em Portugal, teve a oportunidade, como poucos no seu tempo, de conhecer centros nevrálgicos do Velho Continente em que se inseria o seu país. Formado no Brasil, no grande estabelecimento de ensino que era naquele tempo o Colégio da Baía Baía, pertencente à Companhia de Jesus, e revelados os seus talentos oratórios naquela que era a capital da colónia portuguesa do Brasil, o jesuíta encontra oportunidade de afirmação das suas qualidades quando regressa à Europa, onde nasceu.

Chegando a Portugal, em 1641, como membro da delegação enviada pelo vice-rei para prestar reconhecimento ao novo rei D. João IV, Vieira conquistará a simpatia e admiração do novo monarca que o catapultará para a ribalta sociopolítica, fazendo-o pregador e conselheiro da Corte portuguesa. O dom da persuasão e o arguto pensamento estratégico revelados para intervir de forma empreendedora no momento crucial da sobrevivência do Portugal restaurado perante a vizinha Espanha e perante as potências europeias, que ambicionavam carcomer os seus territórios coloniais, são muito apreciados pelo rei e por alguns amigos influentes dos círculos do poder.

## **5. A Europa como lugar de inspiração para transformar Portugal**

De tal modo que, nessa década de 40 de Seiscentos, Vieira é lançado para a Europa, isto é, para o coração do continente europeu, onde se estavam a decidir os destinos do reinos e do



mundo no tempo em que se negociava aquele tratado de paz e concórdia que ficou conhecido como o Tratado de Vestefália. A fim de secundar, como embaixador extraordinário, a diplomacia portuguesa em negociações urgentes, particularmente, em favor do reconhecimento da auto-determinação portuguesa, o Padre António Vieira vai encontrar nessa Europa em convulsão e em estado de progresso material acentuado comparativamente à Europa ibérica uma oportunidade em termos de aprendizagem criativa, isto é, em termos de modelos a imitar, nomeadamente em termos de métodos empreendedorísticos e estruturas de organização económica.

Em França procurará concertos e alianças entre a família régia francesa e a portuguesa, negociando casamentos e oferecendo até o próprio Portugal como protectorado francês em nome da sobrevivência da liberdade do seu país em relação à vizinha Espanha, que tentava a todo o custo recuperar o domínio perdido, bem como em nome da manutenção do território brasileiro em mãos portuguesas. Chegou mesmo a projectar a possibilidade de deslocação da Corte portuguesa para o Brasil, temendo, ao mesmo tempo, uma invasão holandesa da metrópole e a perda da grande colónia veracruzense em favor de um “poder protestante”. Antecipou assim, em termos de projecto, a concretização da primeira deslocação alguma vez ocorrida de uma corte europeia para uma das colónias imperiais, como aconteceu no princípio do século XIX com a ida de D. João VI para o Rio de Janeiro, fugindo às invasões francesas.<sup>10</sup>

Esta e outras propostas temerárias valeram-lhe o cognome, aliás injusto, de “Judas do Brasil” pelos que não tinham a visão europeia obtida por Vieira da situação de grande fragilidade em que se encontrava Portugal.

Nos Países Baixos tomou consciência da grande perda de capital humano que tinha representado a sucessiva sangria da comunidade de origem judaica residente em Portugal, que, devido ao mito obsessivo da limpeza de sangue e de religião, que redundou nas sucessivas perseguições inquisitoriais, foi emigrando para a

---

<sup>10</sup> Cf. Hermínio Martins, “O federalismo no pensamento político português”, in *Penélope*, n.º 18, 1997, p. 15 e ss.

Holanda onde contribuiu, com a sua conhecida capacidade de gerar riqueza, para favorecer a afirmação do Império Holandês.

Nesta Europa judaica de origem portuguesa, vai negociar com a comunidade sefardita de Amesterdão e com o governo português a recuperação desse importante capital humano. Para realizar tal intento chega mesmo ao ponto de ousar propor medidas de reforma do Santo Ofício, de modo a atenuar os seus métodos persecutórios e lhe dar um carácter mais pedagógico.

## **6. A possibilidade de um mundo novo e de uma humanidade nova**

E na sequência de diálogos com grandes figuras da intelectualidade judaica do tempo, como Menassé Ben Israel, o embaixador jesuíta, em nome do seu plano íntimo de consolidação da restauração portuguesa, vai ao ponto de fazer concessões extraordinárias no plano do seu projecto teleológico consubstanciado. Este seria consubstanciado na sua utopia do Quinto Império, que lhe valeu o título de precursor de um proto-ecumenismo, em que ritos, e tradições de religiões, como as judaicas, poderiam vir a ser tolerados na visão futura da última era da História. O ambiente profetista de pendor sebastianista que se vivia em Portugal e o contacto com sectores judaicos europeus marcados pela esperança messiânica na vinda do Messias e pela chegada da idade sabática da história levam Vieira a conceber e a proclamar a emergência de uma nova era milenarista que viesse a resolver os problemas graves que dividiam a Cristandade europeia e a tinham lançado o novo mapa global do mundo em estado de conflito.<sup>11</sup>

Para ele, que considerava o seu país o Povo Eleito da Nova Aliança, o Novo Israel, a solução para um futuro melhor estaria na história portuguesa, que se cruzaria, a breve trecho, com a história mundial sob o protagonismo do monarca lusitano ressuscitado, como profetiza na célebre carta de 29 de Abril de 1659 ao bispo

---

<sup>11</sup> Cf. Pinharanda Gomes, *História da Filosofia Portuguesa*, Vol. 3, Lisboa, Guimarães, 1992, pp. 319-328.

eleito do Japão, André Fernandes. Esta ficou conhecida pelo título *Esperanças de Portugal: Quinto Império do Mundo*: e nela diz que “Ressuscitará sem dúvida El-Rei D. João, e a sua ressurreição será o meio mais fácil de conciliar o respeito e obediência de todas as nações de Europa, que o hão-de seguir e militar debaixo de suas bandeiras nesta empresa, o que de nenhum modo fariam, sendo tão orgulhosas e altivas, se não fossem obrigadas deste sinal do Céu, entendendo todas que não obedecem a um rei de Portugal, senão a um capitão de Deus.”<sup>12</sup> E continua: “Em Europa verá universal suspensão de armas entre todos os príncipes cristãos, católicos e não católicos; verá ferver o mar e a terra em exércitos e em armadas contra o inimigo comum. Na África e na Ásia, e em parte da mesma Europa, verá o Império Otomano acabado, e El-Rei de Portugal adorado Imperador de Constantinopla. Finalmente, com assombro de todas as gentes, verá aparecidas de repente as dez tribos de Israel, que há mais de dois mil anos desapareceram, reconhecendo por seu Deus e seu senhor a Jesus Cristo, em cuja morte não tiveram parte.”<sup>13</sup>

Vieira manifesta a convicção de que Portugal transporta consigo o desígnio celeste para deslindar os nós da história dos homens, que impedem a paz e a concórdia desejada desde a queda original. A Europa aqui é vista como a primeira parte do mundo a que Portugal pertence e a quem Portugal precisa de prestar contas, como se pode depreender nesta passagem de uma das suas cartas a D. Rodrigo de Meneses de 29 de Junho de 1655: “Queira Deus encaminhar a pena do nosso Mercúrio, de maneira que a glória de tamanho caso não fique escurecida, e acabe de conhecer Europa e o Mundo o que é Portugal, enquanto não chega brevemente o tempo do que há-de ser”.<sup>14</sup>

Dos países-impérios europeus que o jesuíta português visita, a Holanda é aquele que mais o impressiona e o marca. Mas se a Holanda é o lugar onde Vieira alarga os seus horizontes de pensamento e colhe modelos de organização e de

---

12 Padre António Vieira, *Cartas*, Coordenadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo, Tomo 1.º, Lisboa, IN-CM, 1970, p. 508.

13 *Ibidem*, p. 523.

14 *Ibidem*.

empreendedorismo no plano político e económico, como é o caso das Companhia monopolistas de comércio e navegação, é também o país da heresia, que Deus parece favorecer em detrimento de em Portugal – para desconcerto de Vieira. Porém, nunca deixa de o classificar como o país-negativo de Portugal<sup>15</sup>. Esse Portugal onde a mancha da heresia nunca teria tocado e constituído exemplo, e até país-mártir, que sempre, na Europa e para o mundo, teve o estatuto de farol da Fé.

## 7. Roma, lugar de glória e de crítica

No final da década de 60 do seu século de Seiscentos, depois de um atormentado processo inquisitorial que o condenou, Vieira consegue encontrar a oportunidade de viajar até à Itália e de residir, até 1675, na cidade papal. Nesse país-coração-da-Europa católica do tempo, o pregador inaciano encontrará neste grande palco europeu o seu momento de glória europeia, depois do pouco êxito visível alcançado nas viagens diplomáticas pela Europa, na década de 40, ao serviço de D. João IV.

Em Roma, Vieira, depois de ter adquirido proficiência em língua italiana, ganha notoriedade como orador tanto entre os sectores ligados à Cúria da Companhia de Jesus e entre a colónia portuguesa residente naquela cidade, como também na Corte Papal e na Corte da Rainha Cristina da Suécia, ali exilada desde 1668. De tal modo, não faltaram convites insistentes para permanecer ali, quer ao serviço da Igreja, quer como pregador régio da soberana sueca. Contudo, Vieira não se adaptou àquela cidade, que considerava mais um lugar de exílio da sua cidade de Lisboa, onde continuava a viver em pensamento. Com efeito, revelará este mesmo estado de espírito em carta enviada a Duarte Ribeiro de Macedo, a 10 de Julho de 1674: “Roma para mim é Lisboa, onde estou sempre com o pensamento, e por isso sempre triste”.

---

15 Cf. José Van Den Besselaar, “António Vieira e a Holanda”, in *Revista da Faculdade de Letras*, Vol. III, 1971, pp. 5-35.

Sempre preocupado com o seu país e com o desejo da sua recuperação, é de Roma que Vieira lança os mais argutos olhares críticos sobre a posição de Portugal na Europa, as suas vantagens e desvantagens. Escreve, em carta de 31 de Dezembro de 1672, a D. Rodrigo de Meneses, seu interlocutor frequente, com quem aborda preferencialmente as questões europeias: “Mas, senhor, o nosso caso não é este. Não quero que sejamos ricos; quero somente que conheçamos a nossa fraqueza e o nosso evidente perigo, e que tratemos de prevenir o precisamente necessário para conservar a liberdade, o Reino e as conquistas; e, suposto que estamos conhecendo e padecendo com tantos descréditos a impossibilidade dos quatro palmos de terra que Deus nos deu na Europa, por que nos não havemos de valer da nossa situação, dos nossos portos, dos nossos mares e dos nossos comércios, em que Deus nos melhorou e avantajou às nações do Mundo? Todas nos invejam esta felicidade e deixam as suas pátrias para a vir buscar e lograr entre nós; e só nós nos não sabemos aproveitar dela, e enriquecemos as terras estranhas com os instrumentos nascidos e criados na nossa, que a puderam fazer a mais florescente e poderosa de todas.”<sup>16</sup>

Ao mesmo tempo que, na passagem citada, chama a atenção para o facto de, apesar da pequenez territorial da metrópole portuguesa na Europa, o nosso lugar estar situado em posição geográfica estratégica como país marítimo, noutra passagem acusa a nossa ineficácia e incapacidade de pugnarmos para valorizar e proteger o que conquistámos, perdendo muito em favor dos outros reinos europeus. É este o sentimento que desabafa em carta a D. Rodrigo de Meneses, a 23 de Fevereiro de 1671: “Ah! senhor, que mal entendemos hoje em que consiste a verdadeira autoridade! Perdoe-me V. S.<sup>a</sup>, e consinta-me que diga que ainda lá nos não amanheceu. Há mais de trinta anos que tenho visto toda a Europa, e são tão cegos os meus olhos que vêem mais os que só viram o mundo no mapa, e o mar do Tejo. Não tenho paciência para ler as gazetas do mundo, e ver falar nelas de todos os príncipes e reinos, e só do nosso um perpétuo silêncio, como se fora Portugal um canto de terra incógnita. Batalha França, Inglaterra e Holanda

---

16 Padre António Vieira, *Cartas, op. cit.*, Tomo 2.º, p. 535.

sobre a Índia, e nós, tendo paz e soldados, deixamos o que tanto sangue custou aos Portugueses, e tanto e tanto desvelo aos reis, que nunca tiveram um herdeiro de tantas prendas como hoje tem. Confesso a V. S.<sup>a</sup> que não posso considerar nisto sem grande dor, nem ouvir falar aos estrangeiros sem grande confusão”.<sup>17</sup>

Por vezes, o próprio Vieira dá razão aos europeus quando criticam Portugal como pela forma como procedemos na obtenção de riquezas, no quadro do nosso processo de expansão ultramarina. Em carta de 17 de Abril de 1675 a Duarte Ribeiro de Macedo, o jesuíta escreve: “Assim resgatávamos antigamente o ouro na Cafraria, e imos qualificando o nome que não sem razão nos chamam de Cafres da Europa. Não crera tal coisa se me a não referira pessoa digna de fé, e este é o estado a que tem chegado o eclesiástico e secular da nossa terra.”<sup>18</sup>

Com efeito, a Europa de Vieira é o espelho que lhe permite ora criticar, ora louvar Portugal e a situação portuguesa. É conhecendo a Europa por dentro que Vieira se torna, de certa maneira, a consciência portuguesa alargada com a percepção da evolução da história do mundo e da sucessão dos impérios da velha Cristandade. É de Itália que escreve, em 1672, a D. Rodrigo de Meneses, como que a chamar a atenção do nosso país para o facto de que os tempos de preponderância imperial portuguesa tinham passado e que nos impérios emergentes se afirmavam e superavam os impérios ibéricos, caso não fossemos capazes de aprender com eles em termos de estratégia económica e em termos de aperfeiçoamento científico e tecnológico: “Não estamos em tempo de el-rei D. Manuel ou D. João III, em que só os nossos astrolábios sabiam navegar e só os nossos galeões tinham nome. Holanda, Inglaterra e França se têm feito potentíssimos no mar, e por isso uns podem contrastar e outros resistir à fortuna nos maiores apertos dela; e, porque Espanha (cujos erros nós seguimos devendo aprender com deles) o não fez assim, se começou a perder e perderá de todo, se não abrir os olhos como já parece

---

17 *Ibidem*, p. 326.

18 *Ibidem*, Tomo 3.º, p. 177.

quer fazer”.<sup>19</sup>

Por outro lado, noutras cartas, é capaz de louvar aspectos da política estratégica portuguesa em relação à de outros países da Europa. A 18 de Novembro de 1675 escreve a Duarte Ribeiro de Macedo, bendizendo a nossa neutralidade, que nos dá dava o estatuto de nação mais pacífica da Europa: “O enviado dessa corte teve esta semana a sua primeira audiência. Disse-se ao princípio que nos vinha convidar para mediadores da paz, e que Lisboa seja o lugar do congresso, como o mais neutral de toda a Europa. Agora ouço que vem pedir a renovação ou cumprimento da antiga liga e, quando não, a satisfação das despesas com que a França se empenhou na nossa guerra; e que isto seja torcedor para nos obrigar a que a façamos a Castela. Não faltarão ocasiões ao novo enviado em que empregar o talento. Deus nos inspire o melhor, porque a inclinação de S. A. toda é contra os Argelistas, e agora mais picado com o pouco ou nada que obrou a sua armada (2), e com novas presas de quatro ou cinco navios que de presente nos tomaram.”<sup>20</sup>

Apesar da glória alcançada naquele palco verdadeiramente internacional e cosmopolita como era Roma, entre grandes dignitários da política, da Igreja e da cultura, o jesuíta português não descansou enquanto não pôde regressar à sua pátria. Todavia, não sem antes conseguir o seu principal intento que ali o tinha levado: obter uma nova sentença papal, de última instância, que comprovasse a sua inocência e revogasse a condenação do Santo Ofício português. E quis estender o processo de comprovação da sua inocência a muitos outros réus que a Inquisição lusitana que tinha perseguido e condenado, de forma injusta e obscura. A muitos outros homens e mulheres, como foi o caso das freiras do convento da Conceição de Évora. O processo erróneo destas últimas foi usado por Vieira como prova final com que logrou obter uma inédita decisão papal: a suspensão da actividade judicial da Inquisição pelo Papa Clemente X, durante cerca de sete anos em Portugal.

Um dos aspectos mais significativos da sua experiência

---

19 *Ibidem*, Tomo 2.º, pp. 533-534.

20 *Ibidem*, Tomo 2.º, p. 216.

européia, nomeadamente daquilo que observa em Roma e nos Países Baixos, é o facto de passar a dispor de modelos sociais, económicos, institucionais, sociais, ideológicos de confronto com a realidade portuguesa. Este capital de conhecimento permite-lhe, com mais autoridade e convicção, lançar olhares críticos sobre aspectos atávicos, entrópicos e bloqueadores, dominantes na realidade portuguesa. Em vários planos, Vieira gizará e proporá, cobrando vantagem do conhecimento que obteve do melhor da Europa do tempo, reformas em Portugal em favor da sua afirmação, progresso e até sobrevivência como país independente e de molde a ganhar uma nova relevância no seu continente e na cena mundial.

Defende, à semelhança da Holanda e da Inglaterra, a criação de empresas monopolistas para promover o comércio com o Brasil e com o Oriente, de modo a otimizar estas áreas estratégicas de produção de riqueza para recuperar o país e sustentar a empresa de missão. Propõe reformas sociais e políticas importantes, particularmente a reforma da Inquisição e a maior autonomia do poder régio em relação a esta. A própria Roma, como o já tinha acontecido com o Novo Mundo, lhe deu bons motivos para criticar a sociedade portuguesa fechada, intolerante e invejosa, onde, na cidade papal, via mais liberdade, mais valorização e aceitação da diferença, mais abertura de ideias do que em Lisboa. A sua experiência europeia permitiu-lhe concluir que o governo régio de Portugal deveria ter capacidade, autonomia e centralidade para poder assumir plenamente, nas suas mãos, o papel de promoção de um reino livre do agrilhoamento dos preconceitos, das superstições e das clientelas sociais e religiosas, que impedia o progresso do seu país.

Depois da sua estadia em Roma, nunca mais voltou à Europa e, desiludido no final da década de 70 com a corte lisboeta, que não lhe deu o acolhimento e o valor dos quais achava ser merecedor, voltou ao Brasil e aos índios do seu coração para ali morrer. Mas levou com ele a experiência europeia e dali nunca se coibiu de continuar a lançar olhares críticos e preocupados sobre a situação do país, que nunca mais via atingir a glória que lhe tinha prometido, como profeta da nação que também foi, como



teorizador do Quinto Império.

## 8. Conclusões

A aprendizagem que Portugal, através da voz de Vieira, faz da Europa não se caracteriza, todavia, por uma adesão incondicional a tudo o que é Europeu. Antes pelo contrário, o pregador e embaixador jesuíta, diferentemente do que aconteceria mais tarde com alguns viajantes, não se apaixona pela Europa de maneira incondicional, nem abdica do seu olhar crítico perante esta. O Padre Vieira soube colher os exemplos, as boas apostas da Europa do desse tempo, que poderiam favorecer Portugal para que o nosso país se tornasse mais forte. Contudo, não deixa de lançar um olhar crítico sobre os aspectos que considera indesejáveis da mesma Europa, em situação de grande progresso material. Aspectos indesejáveis que, na perspectiva do pregador, deveriam ser evitados, de modo a salvaguardar a identidade portuguesa e aquilo que entendia ser a sua missão fundamental enquanto povo.

Apesar dos desaires e amarguras provocadas provocados por inimigos externos e por alguns confrades seus, ainda vê, nos últimos anos da sua vida, algumas ideias suas vingarem como foi a criação a 1 de Março de 1694, conforme projecto próprio, apresentado dois anos antes, da Casa da Moeda do Brasil, instituição considerada importante para a consolidação da estrutura económica colonial daquele imenso território. Entretanto, continuou a chegar ao seu conhecimento o eco da sua notoriedade de grande pregador no estrangeiro. Por exemplo, em 1690 foi publicado em Puebla de los Ángeles, no México, a “Carta Antenagórica”, da poetisa Soror Inés de la Cruz, a propósito do Sermão do Mandato, que classifica Vieira como “orador grande entre os maiores”. À data da sua morte, já tinha 11 tomos de sermões publicados, sendo os quatro que faltavam publicados postumamente até o ao ano de 1748.

Vieira, no século XVII, continuou o espírito europeu de viagem, de aprendizagem e de crítica dos bolseiros régios e

outros viajantes dos séculos anteriores. E mais do que isso, neste e muitos outros domínios, conseguiu antecipar este mesmo espírito europeu, que se tornou apanágio dos impropriamente chamados “estrangeirados” do século seguinte, o século do Iluminismo, que, percorrendo e vivendo na Europa, procuraram dali, colher modelos e inspiração, para “iluminar” Portugal com medidas para combater o chamado “obscurantismo” e “ostracismo” português, em nome de um Portugal afirmativo, positivo, de cabeça voltada para o futuro. Escreve Eduardo Lourenço, hermenêuta da Cultura Portuguesa, sobre o significado da intervenção histórica de Vieira: “Consciente das nossas fraquezas reais como nação ameaçada pela sombra de imperialismos bem mais poderosos que o nosso – imperialismo de pobre -, consciente também do nosso atraso face à Europa, António Vieira concebeu para o seu povo e para o seu país, à margem da história visível, o mais extraordinário dos sonhos: o de Portugal como encarnação de um Quinto Império. Que desmesurada loucura! No século XVII, em António Vieira, o sonho de um Quinto Império era ainda escorado pelos últimos reflexos de um império real disperso da Amazônia a Timor. Era possível ligá-lo a um vislumbre de realidade, mesmo que tal império fosse mais de natureza espiritual que temporal. (...) Mas é à medida que Portugal perde o seu estatuto na Europa, na Ásia, e sobretudo no Brasil e em África, que o sonho de Vieira ganha todo o seu sentido e se torna um verdadeiro mito, isto é, um condensado dos nossos sonhos mais secretos ou do único sonho que a nossa nação fabricou de acordo com a História: o de um povo messiânico, marginalizado ou excluído dos negócios de um mundo que ele ajudou a revelar-se, esperando não sei que milagre que lhe restituiria o seu papel de povo mediador”.<sup>21</sup>

Europa e Novo Mundo, em experiência contrastante, deram a Portugal, pela voz crítica de Vieira, uma consciência mais lúcida dos seus problemas e caminhos novos para as suas soluções. As viagens do pregador jesuíta, quer como missionário religioso, quer como embaixador político permitem olhar dois universos bem diversos civilizacional e mentalmente. A velha Europa imperial e dominadora dos novos espaços abertos pela primeira

---

21 Eduardo Lourenço, *Op. cit.*, p. 153-154.

globalização possibilitada pelas viagens marítimas. E o Novo Mundo, oportunidade nova de expansão de fé religiosa tendente à sua universalização: a possibilidade de ensaiar a construção de um mundo com base numa sociedade nova cristãmente modelada e aperfeiçoada.